

**sinopse** Louis (Louis Garrel) vive com Claudia (Anna Mouglalis) num estúdio modesto e minúsculo. Foi por ela que deixou Clothilde (Rebecca Convent), a mãe da sua filha, Charlotte. Tanto Louis como Claudia são actores em dificuldade. Ele ainda vai conseguindo alguns papéis; ela, outrora uma estrela em ascensão, nunca mais recebeu ofertas. Louis, que acredita no talento dela, tenta constantemente encontrar-lhe trabalhos, mas em vão. Claudia receia que ele a deixe, tal como fez com Clothilde. Mas, um dia, recebe uma proposta sedutora. Agora, é Louis quem tem medo de perder Claudia... No meio de toda esta trama de encontros, desencontros, paixão, medo e ciúme, a pequena Charlotte tenta dar sentido ao que a rodeia.

**Um drama familiar do premiado realizador francês Philippe Garrel ("Liberté, la Nuit", "Os Amantes Regulares", "Inocência Selvagem"). O argumento – que escreveu em parceria com Caroline Deruas (a companheira), Arlette Langmann e Marc Cholodenko – tem contornos autobiográficos, já que se inspira num caso extraconjugal do pai. O papel do pai é desempenhado pelo filho do cineasta, Louis Garrel. A filha, Esther Garrel, também integra o elenco. Filmado a preto e branco, com música de Jean-Louis Aubert, "Ciúme" foi apresentado em competição no 70.º Festival Internacional de Cinema de Veneza.**

Título original: La Jalousie (França, 2013, 77 min.)  
Realização: Philippe Garrel  
Interpretação: Louis Garrel, Anna Mouglalis, Rebecca Convent  
Produção: Said Bem Said  
Argumento: Philippe Garrel, Caroline Deruas, Arlette Langmann, Marc Cholodenko  
Fotografia: Willy Kurant  
Montagem: Yann Dedet  
Música Original: Jean-Louis Aubert  
Som: Guillaume Sciama  
Distribuição: Legendmain filmes  
Estreia: 30 de Julho de 2014  
Classificação: M/12



## NOTAS DO REALIZADOR

A ideia que sustenta este filme é que o meu filho Louis interpreta o seu avô aos 30 anos - a actual idade de Louis – apesar de se passar nos dias de hoje. Fala de um caso de amor do meu pai com uma mulher – e, por admirá-la, eu causei, involuntariamente, ciúmes à minha exemplar mãe. Eu era uma criança que estava a ser criada pela minha mãe (no filme, eu sou a menina). Estas são as origens históricas deste filme contemporâneo - o meu filho interpretando o meu pai quando ele tinha trinta anos.

*Philippe Garrel*

## Os que escolhem sofrer a vida

*Luís Miguel Oliveira, Público de 31 de Julho de 2014*

Se “a felicidade não é alegre”, a infelicidade também não. Talvez **Ciúme** só fale disto Depois de **Os Amantes Regulares** - parece que foi ontem mas já lá vão dez anos - Philippe Garrel quase, quase se tornou ele mesmo um “regular” da distribuição portuguesa. Dos três que se

seguiram por cá vimos **A Fronteira da Alvorada**, por cá não vimos “*Un Été Brulant*”, e por cá vemos agora **Ciúme**, título que no original leva artigo definido (La Jalousie: não é portanto um ciúme qualquer, é “o ciúme”, todo o ciúme).

Em Garrel, como saberão os mais atentos, tudo se encadeia. Encadeia-se a vida pessoal e o cinema, quer porque ele vem daquela geração que não sabia distinguir uma coisa da outra quer porque, de forma mais explícita ou mais implícita, a autobiografia é um dos motores essenciais da sua obra. E encadeiam-se, conseqüentemente, os filmes uns nos outros, deixando sempre a sensação de que perder um é perder o fio à meada. Se **Un Été Brulant** (curiosamente o único filme a cores de entre os últimos cinco do cineasta) era porventura o seu filme menos conseguido em muito tempo, tinha pelo menos uma ocasião determinante: era o momento em que Garrel, em cenas de uma gravidade brutal (as melhores do filme), se despedia do pai Maurice, presença intermitente nos seus filmes desde o início (a curta **Les Enfants Desaccordés**, de 1964, que Philippe realizou com apenas 16 anos) e que morreu em 2011.

Ora, se **Ciúme** não tem aparentemente, nada a ver com Maurice, tem imenso a ver com a paternidade. Garrel disse - mas isso, enfim, é matéria extra-filme - que **Ciúme** se baseava em episódios da vida do pai, no início da carreira dele, e de facto também estamos entre (jovens) actores neste filme. Mas pode-se não saber dessa inspiração e o tema da paternidade continua a saltar por todos os lados. É o protagonista - Louis Garrel, filho de Philippe e neto de Maurice - e a sua filha pequena; é a cena em que a filha diz que a pessoa que o pai mais ama é “son papa a lui”, o pai dele; é a actriz que lhe vem falar da admiração pelo pai dele; são, ainda, os dois velhos do filme, dois “mentores” visitados por Louis (a personagem tem o mesmo nome do actor) que dizem coisas que parecem significativas - que ele “compreende melhor as personagens de ficção do que as pessoas que o rodeiam”, assim levantando o tema da confusão entre “vida” e “representação da vida”; e que “o que é bom na vida é que ninguém é obrigado a sofrê-la”.

Frase, esta última, que muito evidentemente levanta a questão do suicídio, grande fantasma garreliano – fora de resto assim que o deixáramos, com o suicídio de Louis no final de **A Fronteira da Alvorada**. Numa cena admiravelmente filmada – as mãos de Louis e o revólver, depois o tiro fora de campo – “Ciúme” não deixa de passar pelo suicídio, ainda que (spoiler...) enquanto tentação falhada. Espécie de anti-climax, se quisermos, que faz todo o sentido porque “Ciúme” é muito mais um filme sobre a continuação (da vida e das coisas da vida) do que sobre a sua interrupção, é um filme sobre gente que escolheu “sofrer a vida”. E talvez até com um pouco mais do que apenas “sofrimento”, a julgar pela estranha paz dos planos finais, ainda que eles pareçam, não menos estranhamente, assombrados (há sempre sombras em Garrel, são as sombras do “chiaroscuro” do cinema mudo, e é através delas que mesmo a “paz” ou a “felicidade”, quando existem, existem sob ameaça).

Chegamos aqui e ainda nada dissemos que tenha remotamente a ver com “ciúmes”. Vale que o filme, de certa forma, também não tem – “jalousie”, em francês, também pode significar “inveja”, e talvez seja até o próprio Garrel, mais do que todos, quem inveje, quem inveje ciumentamente (o título português não deixa de soar justo) alguma coisas nas personagens. Quando a questão é verbalizada (Louis a perguntar à namorada, que é Anna Mouglalis, “se eu te traísse preferias que te contasse ou não te contasse?”) a resposta é o mais “anti-ciumento” possível (“só quero que nos amemos e estejamos bem um com o outro”). Mas quem trai, ou enfim, quem trai a sério, é ela, até talvez por motivação mesquinha. A cena dessa traição é admirável na sua construção em elipse, como em elipse fica, no filme todo, o essencial da motivação psicológica das personagens, sobretudo da dela, uma “parede” que ama e se angustia, se zanga e maltrata, e a certa altura se vai embora sem apelo nem agravo. O filme tinha começado com uma separação, dada quase sem palavras - o choro da mãe da filha de Louis - e para uma separação se encaminha, enquanto

retrato de uma relação tumultuosa, cheia de altos e baixos e enigmas que ficam por resolver. Talvez mais uma manifestação de outro fantasma garreliano, a sua relação com Nico nos anos 70, que ele incessantemente evoca deste então. Como evocava em **A Fronteira da Alvorada**, na sua estrutura “bipartida”, onde a uma primeira parte tumultuosa (cujo modelo era, à evidência, Nico) se seguia a entrada numa vida banalmente familiar (que o protagonista, de resto, não aguentava). Misturando as coisas, esses são ainda os termos de “Ciúme”, que em narração alternada vai dando a violência – em todos os sentidos, bons e maus – da relação entre Louis e a namorada, e a placidez (os passeios, e sobretudo as cenas dos jantares a três) das reuniões temporárias em casa da mãe da filha. Imaginamos, talvez mal, **Ciúme** como uma continuação da “Fronteira”, num mundo “alternativo” em que o protagonista tivesse resolvido “sofrer” a banalidade da vida. Imaginamos, talvez ainda mal, que “Ciúme” é o A Mãe e a Puta de Garrel, a sua aproximação ao “fantasma” do suicida Jean Eustache. Não precisamos de imaginar, porque a vemos, a desolada beleza de **Ciúme** (incluindo a desolada beleza do preto e branco de Willy Kurant), a complexidade, construída com pequenos nada, das suas personagens, o irresolúvel mistério da sua tristeza: se “a felicidade não é alegre”, a infelicidade também não. Talvez **Ciúme** só fale disto.

### **La jalousie (2013) de Philippe Garrel**

*por Carlos Natálio, à pala de Walsh de 30 de Julho de 2014*

Do Othelo de Veneza ao senhor Leonel de Vila Franca de Xira, o ciúme sempre foi um sentimento capaz de arrebatá-las as mais iradas tropelias. Até certo ponto, **La jalousie (Ciúme, 2013)**, o último filme de Philippe Garrel, é portador dessa mesma ira, mas carrega-a de forma velada, serena. Não é contudo fácil de diagnosticar essa serenidade. Ela pode vir de muitos lados e chegar-nos aos olhos e transformar-se em ironia que passa com a espuma dos dias. A fórmula “a girl and a gun”, com que Godard descrevia o cinema reportando-se a Griffith, verte-se aqui numa espécie de melancolia francesa de “a guy and a girl... and another girl... and a gun ... and a daughter”. Mas aqui a arma não mexe com a excitação do filme, ela é apenas ponto de viragem, que é como quem diz, de acalmia dos deuses da jalousie.

Parando de falar em código diga-se que este pequeno (77 minutos) grande filme surge a partir de duas contrariedades da carreira de Garrel. Uma menor – a falta de financiamento para uma continuação de **Un été brûlant** (2011) onde entrava o seu filho (Louis) e o seu pai (Maurice) – e uma maior, a morte deste último antes de completado o filme. Assim a memória de Maurice é o eixo desta sua última obra quer recriando um episódio da sua infância – o pai deixou-o a ele a à sua mãe quando era criança por outra mulher [evento que Garrel já havia filmado aos 17 anos numa curta chamada **Droit de visite** (1965)] – quer fixando, de forma directa e autobiográfica, como é marca de todo o seu cinema, um lamento pelo desaparecimento da pessoa que mais amava.

É em toda esta trama autobiográfica – com o seu filho a representar o seu pai (com toda a marca freudiana que isso implica) entre duas mulheres, e a pequena Charlotte (Olga Milshtein) no lugar do próprio realizador, em criança – que toda a questão do ciúme se coloca. Não admira pois que este seja posto de forma complexa, isto é como realidade que habita, naturalmente, o dia-a-dia. Louis começa a sentir ciúmes da sua actual companheira, Claudia (Anna



Mouglalis), pela qual deixou a sua anterior esposa, quando aquela se resolve mudar para um apartamento oferecido por um amante. Esse envolvimento é por sua vez espoletado pelo receio de que Louis a deixe, como fez com a mãe de Charlotte, Clothilde (Rebecca Convent). O ciúme sente-a, à sua maneira, infantil, a filha em relação ao pai, quando à mesa pergunta a Claudia, de quem é que ela acha que o pai mais gosta. A resposta é surpreendente: “Do pai dele”, responde ela.

É aqui que o ciúme se abre, como conceito, a uma noção mais lata, próxima da melancolia de uma perda. O ciúme como vontade de manter no presente uma posse que se tinha no passado. Philippe sente falta de Maurice e quer lembrar o seu passado com ele, transferindo essa sentimento para uma geração a seguir, como que perpetuando os sentimentos de alegria com o pai. Essa *jalousie* como “falta de” está próxima de uma necessidade de fixar o tempo e por isso se tem falado de Proust e *À la recherche du temps perdu*, em que o movimento é o mesmo. Mas Garrel tem ao seu dispor as imagens e é nelas, nos *tableaux* a preto e branco captadas num lípidíssimo *widescreen*, que os rostos e as paisagens se imortalizam num raro sentimento de pureza e de tranquilidade mesmo ante a tragédia da perda. Os *promenades*, os beijos, os abraços a tiritar de frio nas paragens de autocarro são testemunhas imortalizadas dessa ausência filial e familiar que se converterá para sempre, no cinema de Garrel, em presença fecunda.

Talvez por isso, e volto à questão de serenidade do início, ***La Jalousie*** encerre, como poucos filmes, uma ideia serena de tragédia via uma simplicidade de meios e imagens que não se encerra, paradoxalmente, no gueto da nostalgia de um cinema de antanho. Seria apressado falar aqui de uma homenagem a um cinema finito, uma vez que o efeito é sempre o de transferência entre a vida e a arte. A Louis dizem-lhe que ele, como actor, compreende melhor as personagens de ficção do que as reais. Se é possível ver aqui o método de Garrel pai talvez este encerre o paradoxo fundamental de onde afinal de contas emerge a serenidade na mais pura das tragédias. É que ***La Jalousie*** filma com uma extrema eficácia do olhar e uma precisão invulgar na *mise-en-scène* as ineficácias da vida. Não por acaso são os quadros de quotidiano, aparentemente soltos entre si, a maneira mais justa (justa como verdadeira) de filmar o todo, a consistência.

Essa é uma consistência que se instala no centro do cinema de Garrel e que sobretudo coloca na devida perspectiva o desaparecimento dos entes mais queridos. Essa é a dimensão mais densa e rica de toda e qualquer tragédia, passional ou não.